



## Os Bandeira abrem o seu belo apartamento para saudar a chegada do ano da graça de 2025



O Repórter PH com Thatiana e César Bandeira na bela festa de réveillon em seu apartamento

● PAG 2

## Os Sarney celebraram a chegada do Ano Novo com ceia e boa música em sua casa no Calhau

● PAG 4 e 5

Divulgação/Ayrton Valle



### UM FOCO

de luz na bela modelo maranhense **Gracie Oliveira**, da Agência Dior, de São Paulo. Ela estava fotografando em Buenos Aires e veio passar as festas de fim de ano com sua família, em São Luís

**V**ez por outra sopra um vento de saudade da terna e eterna cidade de São Luís dos anos 1960. Naquela época, as multidões não estavam soltas, impregnando cidades, ou forrando estradas, como agora. Eram reunidas em lugares fechados, e na maior parte do tempo ficavam em repouso.

Era um tempo em que pessoas de todos os tipos e lugares obedeciam a fila, ou permaneciam lado a lado, mudas, absortas, a um braço de distância uma da outra. Usavam uniformes de cores neutras, um azul marinho nas blusas e casacos, um filete branco nas mangas. Golas engomadas exageravam na pontualidade.

Os olhares eram duros, fixos, e os corpos se submetiam à posição de sentido ou se debruçavam sobre carteiras, mesas, balcões. Somavam centenas, milhares, milhões, mas eram invisíveis.

Onde se escondiam, enquanto a sesta devorava a tarde, ou os descampados sofriam o jugo dos nossos passeios secretos, quando praticávamos tiro nos passarinhos? Embaixo de qual pedra se situavam? Fugiam dos nossos crimes que atulhavam quintais

## VENTO DE SAUDADE

### dos acenos e devaneios antes do baile em que o único trabalho era tirar a garota para dançar

imensos sem testemunhas? As massas habitavam lugares excêntricos, longe de nossa vista, à espera de um sino, um alarme, um bater de palmas, para se desencadearem em ruidosa e irresistível avalanche.

Ocupávamos então nossos postos na saída dos colégios das freiras. Sapatos de seda, adornados por laços de fita violeta, transportavam as meninas. Pernas amaciadas por meias de puro cetim marchavam sob o surdo farfalhar de saias cada vez mais próximas do sonho.

Aquele mar de mulher saía compacto abraçando cadernos e livros e tapando a boca na hora das confidências. O riso era abafado, como é comum até hoje entre garotas chinesas e coreanas. Tínhamos algo de orien-

tal. O cabelo escovinha coroava a rigidez dos pescoços. Os guarda-pós desciam até os pés.

A reunião do estado-maior era ao redor de uma garrafa de Cola Jesus, depositada sobre um tampo de mármore ou fórmica. O garçom às vezes chegava perto para oferecer algo ou simplesmente recolher os copos. Exibia distinção envergando gravata borboleta, enquanto o grande guardanapo pendia no braço como um pingente de ouro. Moleques, pedíamos mais uma "dose" e assim corriam as horas até chegar o momento da súbita procissão dos habitantes.

Aglomerções bem vestidas saíam dos estádios. Uma recorrente fábrica de gritos encerrava as sessões de cinema. Comícios

desaguavam num tropel de votantes convictos. Um deslizamento silencioso tomava conta de calçadas e praças depois da missa matinal. Grandes brigas atraíam gigantescos ajuntamentos. E os corredores improvisados dos parques tinham o poder da imantação coletiva.

Em todo lugar havia gente saindo pelo ladrão. Mas o planeta estava vazio. O vento batia nos galhos das árvores quase nuas de folhas no colégio abandonado. O melhor amigo se mudara para sempre. O professor insubstituível não voltaria no fim das férias. A menina dos olhos namorava firme com alguém.

À tardinha, as multidões se recolhiam, para depois sentarem na frente das casas, a receber visitas. Saíamos então em direção ao centro da cidade, contando cadeiras preguiçosas. Em cada uma delas, alguém iria dar um aceno. Pois esse era o nosso objetivo.

De toda aquela imensa quantidade, uma só pessoa sairia do miolo do devaneio para chegar até nós. Pisaria macio como fada em baile de formatura.

Nosso único trabalho era tirá-la para dançar.



Luiza Sereno Fernandes, José Benedito e Ana Elvira Buhatem, Thatiana e César Bandeira, Luiz Eduardo, Melina e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes

## RÉVEILLON DOS BANDEIRA

**E**stamos em pleno viço do Ano-Novo, embora com as esperanças em dia e a cabeça queimando de sonhos e projetos otimistas teimando em ser velhos para a vida nova que acaba de se inaugurar no horizonte.

A chegada do primeiro dia de 2025 no belo apartamento de Thatiana e César Bandeira, na Ponta d'Areia, teve a ordem da vida: amar, realizar, multiplicar,

dividir. E de mãos dadas rogamos aos céus a chegada de um ano radiante e belo, perfumado e vivo como as rosas que sempre teimam em sorrir, embora saibam que um dia serão adubo da saudade.

E assim, com uma ceia deliciosa, bons vinhos, uma multidão de amigos se confraternizando e a boa música do DJ Mário Pseudo a noite da virada foi um sucesso total.



César Bandeira e Thatiana com Melina e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e o Repórter PH



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, o Repórter PH, Luiz Eduardo Fernandes e José Benedito Buhatem



Ana Clara, Kátia e Marcene Athayde Rocha com a anfitriã Thatiana Bandeira



O Repórter PH com Thatiana e César Bandeira, Carlos Eduardo e Camila Bandeira



As irmãs Ana Clara e Daniella Rocha com o tio Rhelmsom Rocha e seus dois filhos, Vitor Salvador e Ana Vitória Rocha e a anfitriã Thatiana Bandeira



José Benedito e Ana Elvira Buhatem



Ana Clara Rocha e Luiz Eduardo Sereno Fernandes



Os irmãos Rhelmsom e Marcene Rocha com César Bandeira, José Benedito Buhatem e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes

### Receita de Ano Novo de Carlos Drummond de Andrade

No fim dos anos de 1970, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema que se tornaria famoso — em especial, a cada Réveillon. Com a genialidade que sempre o caracterizou, Drummond poetizou as famosas resoluções de Ano-Novo.

O escritor dá a dica: "não precisa fazer lista de boas intenções para arquivá-las na gaveta", nada disso. Para Drummond, perder tempo com as tais resoluções é bobagem.

Para ter um grande novo ano, diz o poeta, é preciso apenas "fazê-lo novo". "É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre", ensina o autor.

A seguir, leia os versos na íntegra.

### Receita de Ano Novo

Para você ganhar belíssimo Ano Novo  
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,  
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido  
(mal vivido talvez ou sem sentido)  
para você ganhar um ano  
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,  
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;  
novo até no coração das coisas menos percebidas  
(a começar pelo seu interior)  
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,  
mas com ele se come, se passeia,  
se ama, se compreende, se trabalha,  
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,  
não precisa expedir nem receber mensagens  
(planta recebe mensagens?  
passa telegramas?)

Não precisa  
fazer lista de boas intenções  
para arquivá-las na gaveta.  
Não precisa chorar arrependido  
pelas besteiras consumidas  
nem parvamente acreditar  
que por decreto de esperança  
a partir de janeiro as coisas mudem  
e seja tudo claridade, recompensa,  
justiça entre os homens e as nações,  
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,  
direitos respeitados, começando  
pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo  
que mereça este nome,  
você, meu caro, tem de merecê-lo,  
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,  
mas tente, experimente, conscientize.  
É dentro de você que o Ano Novo  
cochila e espera desde sempre.

\* Publicado originalmente no livro Discurso de primavera e algumas sombras.

### Alva noite

O poeta tinha obsessão pelas formas brancas de Antífona — Ó formas alvas, brancas/ claras de luares, de neves, de neblinas! / Ó formas vagas, fluidas, cristalinas... sua noite predileta talvez fosse esta noite alva do Réveillon.

Sendo um rito de passagem, o branco é a sua cor oficial. Através dela se operam as mutações do ser. Essa "ausência" de cor produz sobre a alma humana o mesmo efeito do silêncio que antecede a alvorada — "alva", como a vida que se renova.

Branca é a mortalha das crianças e o vestido das noivas. É a cor da pureza e do líquido nutriente que se confunde com a própria vida — o leite materno.

Assim, em cada Réveillon, é de todo recomendável ter, ao lado, e à boca, a brancura desses dois líquidos de fontes diferentes, mas igualmente inebriantes. O bico da garrafa de champanha e o bico do seio da mulher amada.

Dá ser importante cumprir com zelo e paciência todo o ritual dessa noite, deixando que a espuma deste líquido festivo suba ao colarinho da garrafa — e que a rolha salte com o ruído de um "tiro" de pura felicidade.

### Alva noite...2

No Réveillon que passou, imitei os grandes campeões, deixei a espuma transbordar e até verter um pouco, encharcando a terra: o que cai no chão não se perde. É a champanha do santo...

Nossa mamadeira de Ano-Novo é mesmo um vinho santificado. Foi inventado lá pelo século 18, às margens do Rio Marne, pelo frei D. Pérignon, na região da Champagne, leste de Paris, cujo nome herdou para a sua posteridade comercial. Seu segredo é a seleção de uvas do tipo Pinot, misturada por teores alcoólicos e temperada — quem diria! — por uma pitada de açúcar de cana. Por fim, é só fermentar e gaseificar.

Não tinha padre na Catedral de Reims, na Champagne, que não fizesse sermões "animadinhos". Dizem que a taça vivia "borbulhando", certamente pelo milagre da transubstanciação da água em... champanha!

Não tive — caro leitor — o menor receio de parecer supersticioso nessa noite alva. Aliás, já dizia Bacon, o filósofo inglês, não o conde-inventor do sanduíche: "Já há superstição em querer evitar a superstição".

### Alva noite...3

Caro leitor, vivi o finalzinho de 2024 e as primeiras horas de 2025 com todo o arsenal de superstições de que é capaz a minha ojeriza à mandingas.

Não há feitiço que vingue no corpo fechado por patuás brancos — "alvos", como essa noite de festa. Do colar de conchas às cuecas. Mas só as claras. Ou melhor, só as branquinhas — e sem espaço para "dólares". Intenção maligna que neutralizaria o habeas-corpus do branco.

Então, assim vacinado, levantei a minha taça, leitor.  
E 2025 nasceu imaculado.

### Balada do amante exilado

A propósito da virada de mais um ano, não custa lembrar que as horas pesam no coração que ama, mas está só na amplidão do tempo, no varejo noturno dos meses, no desequilíbrio azul dos minutos.

Tudo se perde como quando Deus nos abandona.

O cristal do silêncio ilumina as palavras, e em fatias nos dá a nau dos dias, onde prosseguimos como um rio que não corre para o mar, e na superfície vai nossa alma, desolada, fantasma que sacode o pó dos caminhos sobre nossos ossos.

As asperezas pesam em nossas mãos que, fragilizadas, arquitetam, inúteis, a solidez do poema.

O rumor da solidão se mistura ao vazio de nossas roupas, onde o amor esteve, vestindo-as com o esplendor do desejo.

Exilado na agonia que varre os anos, tudo é ontem. Mas nos resta uma luz bravia, que resplandece em pequenos luares, e nos diz que há um novo amor onde acaba o dia e nascem outros lugares.

## Casamento em Brasília

O ano começa com pelo menos uma grande cerimônia de casamento registrada na agenda desta coluna.

Será no dia 30, em Brasília, no Santuário Dom Bosco, a união de Maria Luiza Ibrahim Guimarães (filha de Mônia e José Luiz Guimarães) e Felipe Murad Sampaio (filho Graça e Osmir Sampaio).

Dezenas de maranhenses estão de passagens aéreas marcadas para pontificar nessa festa, cuja recepção será no Unique Pálace.

## Estresse

Em meio ao clima de festa que caracteriza este período do ano, quando quase todos têm motivos para gozar e relaxar, muitas vezes não dá para evitar situações estressantes.

Pouca gente sabe, mas entre os casais, mulheres e homens reagem de forma diferente às agressões capazes de nos tirar o equilíbrio no dia-a-dia.

Enquanto os homens tendem a se isolar e se tornar agressivos quando estão estressados, as mulheres se revelam magoadas e voltam as atenções para os filhos, procurando, quase sempre, o amparo de amigos e familiares.

E exatamente por agir ao contrário dos homens, compartilhando o sofrimento com as pessoas próximas, que a ciência pode explicar porque a expectativa de vida delas costuma ser maior.

## A geografia da memória

O dia claro deste janeiro que segue o seu curso, cheio de contrastes de cores, luz e sombra, com vento temperado a velocidade amena, me levam, pela lembrança, rua abaixo até o rio Anil, a beira-mar, a estrada.

As pedras sendo esmagadas pelo tênis, o pé descalço, o sapato velho. A companhia dos colegas, junto aos quais nada podemos temer, nem os caras da outra zona, nem os cachorros, os loucos, as velhas, os muros. Iámos em direção ao grupo de mangueiras, árvore de farta sombra.

Agora, rente ao mar, revejo a sensação daquela vida que continua lá, gravada para sempre na geografia da memória, arquivado vivo de uma esperança que nos liga em algo maior, porque a paz de espírito é a certeza na vida eterna.

Dia bom para passeio, para ler na rede, para sonhar e dizer, como Churchill em plena Segunda Guerra, antes de dormir: ora, danem-se todos.

O mundo vai mal? O universo não se importa. O que é uma canelada diante da fornalha das estrelas? Filosofia barata, dirão, mas são esses pensamentos, embalados por leituras melhores do que conseguimos produzir, que fazem nosso dia e nos levam para longe, aqui mesmo, onde escolhemos viver.

## Carnaval

Para quem gosta de programar o ano, volto a lembrar que o calendário 2025 o Carnaval cai no dia 4 de março.

O Sábado Zé Pereira será no dia 28 de fevereiro e, em São Luís, entre as várias prévias de grande dimensão que estão no calendário, a mais esperada e badalada é o Almoço do PH Revista, na tarde do dia 22 de fevereiro.

Um dos momentos mais deslumbrantes do Carnaval, na chamada Semana Gorda, deverá ser o Baile de Gala do Maranhão, cuja data e detalhes serão definidos no mês de janeiro.

## Champagne

Horas antes da chegada de 2025, famílias em todo o mundo cuidaram de colocar o champagne no gelo.

Barata ou apenas para um seletivo grupo de pessoas, na praia ou em restaurantes sofisticados, a bebida fez parte das comemorações.

Mas, afinal, por que o champanhe fascina tanto? Estudos tentaram dar parte das explicações para o fenômeno gastronômico.

A lenda conta que a bebida foi acidentalmente descoberta no final do século 17, quando um dos responsáveis que trabalhava na elaboração da nova bebida correu para avisar seus colegas: "corram, estou bebendo estrelas".

Um estudo realizado por cientistas franceses e alemães provaram que as bolhas da bebida servem como "elevadores para os aromas", potencializando a degustação.

O resultado da pesquisa foi publicado na revista da Nacional Academy of Sciences.

## Champagne...2

Uma série de mitos foram desmentidos pela ciência em relação ao champanhe.

Segundo os pesquisadores, não se deve tomar champanhe acompanhado por amendoim. As mulheres ainda devem evitar os batons ao beber por causa da gordura usada na maquiagem. Tudo isso anularia o impacto das bolhas como potencializadores dos aromas da bebida.

Outra constatação: colocar uma colher na garrafa aberta não evita que as bolhas se percam, como os costumes indicariam.

## Champagne...3

Mas nem a ciência tem uma versão única sobre o champanhe.

O pesquisador Nicholas Ryba, do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, publicou na revista Science conclusões de seu estudo com degustadores de bebidas com gás.

Em um quarto, colocou um grupo com uma pressão atmosférica normal e outros em um recinto pressurizado.

O resultado foi que, mesmo no recinto onde as bolhas não são formadas por conta da pressão, os degustadores sentiram o mesmo gosto.

Portanto, o segredo não estaria no estouro das bolhas. Mas na presença do gás.



IDivulgação/Ayrton Vale

**N**atália Borges, nutricionista cuja beleza e alegria de viver é o melhor alimento para os nossos olhos neste começo de 2025

## Carnaval sem engano

As chamadas festas de fim de ano terminaram, mas a festa continua neste ano que se inicia. Inicia mais ou menos porque embora o calendário já marque 2025 o ano só começa mesmo em março ou abril, quando a vida volta ao normal. Até lá ficaremos por conta do Carnaval e a história se repetirá: as mesmas promessas de desfiles suntuosos e renovadores (renovadores?), as mesmas rainhas de bateria, as mesmas estrelas de televisão e falsas celebridades tentando

tomar no palco do Sambódromo o lugar do verdadeiro povo sambar.

Já vimos esse filme e provavelmente também as fotos que ocuparão páginas e páginas dos jornais e revistas. Se cair em nossas mãos uma revista do ano passado ou de outro, teremos a impressão de estar folheando uma revista nova, ou seja, recém editada porque o que nos é dado a ler e ver é o mesmo material de sempre. Tem lógica já que muda o ano, mas nada muda na

vida da gente e não falta pó de sonhos e desejos, mas por absoluta falta de perspectiva.

Parece que isso não importa muito: o importante nesse início de ano é vestir uma bela fantasia de ilusões que só o Carnaval com a magia de suas cores nos permite. É Carnaval. Para que pensar no resto. Vamos cair no samba, encher a cara, botar o bloco na rua porque essa parece ser a melhor solução. A maior ilusão.

## Carnaval sem engano ... 2

O Carnaval, nossa festa maior e mais famosa, realmente nos permite fugir, como sempre, de uma realidade que, como o desfile das escolas de samba se repete sai ano entra ano. Não se pode negar que as escolas de samba realizam, mesmo enfrentando todo tipo de dificuldades, um espetáculo deslumbrante – um show que só a força e o entusiasmo do povo são capazes de conquistar.

É aí ocorre a pergunta: se podemos mobilizar a multidão para fazer esse grande espetáculo de cores, de ritmo e de alegria será que não podemos nos unir para

fazer todo resto que se faz cada vez mais necessário?

A magia das escolas de samba e do Carnaval como um todo é que tomará conta de tudo, ou melhor, de quase tudo nesse início de 2025. Como sempre deixaremos o resto para depois – um depois que nunca chega, mas um dia terá de se impor. Até porque esse depois do depois, do depois pode ser muito tarde.

Vamos, sim, vestir a fantasia, nos transformar em severos críticos dos desfiles como se fossemos especialistas no assunto só porque somos especialistas em alegria e em nos permitir ilusões, carnavalescas

ou não.

Como diria Cazuza, faz parte do meu, do seu, do nosso show. É tempo de festa, de alegria, de Carnaval. É tempo de deixar o resto para depois, mesmo sabendo que o depois está durando tempo demais. O depois precisa hoje. Já.

Só assim o futuro poderá ser e estar presente.

Sobretudo seja feliz em 2025. Seja como o mar: profundo. Mas não aceite que as suas ondas interiores se rebellem e destruam a sua vida. Permaneça azul, lá no fundo de você, onde Deus repousa e a vida é mistério e graça.

## O saco da felicidade

Segurem bem a felicidade enquanto estão agarrados nela. Apertem-na bem entre os braços, mesmo que ela esperneie.

Quando a felicidade chega, temos de nos agarrar a ela porque é da natureza dela ser efêmera.

Pois, se ela conseguir fugir, quanto tempo demorará para retornar?

Eu tenho uma técnica: comprei um saco de juta (ou aniagem) e, quando a felicidade chega para mim, eu a encerro nesse saco e amarro bem a boca da embalagem.

E carrego pela cidade, em toda parte que vou, aquele saco aparentemente ridículo, mas que encerra todo o meu ideal.

## O saco da felicidade...2

Quando carrego o meu saco de felicidade pelas ruas, isso quer dizer que estou feliz.

Estar feliz, como já ensinei aqui, é não necessitar de nada. Ser feliz é avistar na nossa frente todos os bens do mundo, materiais e espirituais, e constatar que não se está precisando de nenhum deles.

Estar feliz é estar em paz, é um estado de beatitude impressionante, a vida sorri para a gente, nós sorrimos para a vida e para todos os semelhantes, numa espécie de orgulho secreto. Porque se sabe que ninguém é tão feliz como nós à nossa volta.

## O saco da felicidade...3

Cuidado, quando você encerrar a sua felicidade num saco de juta, confira se o saco não está furado. É muito comum ensacarmos a felicidade e, quando vamos ver, o saco tinha muitos furos.

Como se nota, é uma ciência manter armazenada a felicidade.

Houve diversas ocasiões em que minha felicidade era tão grande, que não cabia no meu saco de juta, tive de armazená-la num silo.

Tomem cuidado com outro detalhe: quando forem ensacar a felicidade, para que ela não lhes fuja, tenham a cautela de cobrir as mãos de grãos de areia: porque a felicidade é como um muçum ensaboado. Ela escorrega entre as mãos e foge depressa. E a areia vai fixar suas mãos nela, a danada não escapa e entra para o saco.

## O saco da felicidade...4

Como se vê, é preciso lidar com a felicidade quando ela de repente irrompe dos fatos e atinge-nos.

É preciso ter estratégia para retê-la pelo maior tempo possível e necessário.

Cerque-se de cuidados para domesticar a felicidade e aplacar o seu jeito rebelde de não querer ficar conosco durante largo tempo.

Nós temos a mania de supor que a felicidade não suporta permanecer conosco muito tempo, no que, aliás, temos razão, em vez de cogitarmos de que ela é possível e há maneiras de torná-la permanente, pelo menos durante extenso tempo.

Também quero dizer que é possível o nosso encontro com a felicidade, muitas vezes quando menos a esperávamos.

## O saco da felicidade...5

O fato é que nós, de repente, nos esforçamos tanto para alcançar a felicidade, que ela acaba por nos surgir.

E, quando nos surge, já tenha guardado de propósito o saco de juta.

Isso não quer dizer simplesmente que a felicidade não passa de um saco.

## TRIVIAL VARIADO

**A procura** pelos presentes de Natal chegou ao fim. Agora, quem corre atrás de clientes são as lojas e grandes magazines. Antes mesmo de 2024 acabar, algumas redes varejistas já haviam anunciado as queimas de estoque, que começaram a se intensificar na primeira semana útil de 2009. Vale tudo na tentativa de seduzir o consumidor.

**No capítulo:** em todas as lojas onde acontece a prometida temporada dos preços baixos, é fácil perceber anúncios em letras garrafais ou em vermelho gritante, nas vitrines e na entrada dos estabelecimentos. São descontos de até 70% no pagamento à vista e vendas em até dez vezes sem juros.

**O mundo** se veste de luto e clama por uma trégua ante o massacre de crianças, jovens e adultos

palestinos, envolvidos em uma guerra sangrenta que já deixou milhares de 600 mortos e feridos. As imagens de crianças ensanguentadas, mutiladas e mortas estarrecem o planeta.

**Maranhenses** que passaram as festas de fim de ano nos Estados Unidos, contam que, ao contrário do que muita gente poderia imaginar, o número de turistas brasileiros em Miami não caiu tanto quanto se esperava, considerando o cenário de crise internacional.

**A propósito:** na Flórida – contam eles – nem parece que a palavra “crise” existe. Além da quantidade de visitantes, a cidade em si cresce a olhos vistos. É cada vez maior o número de altos edifícios, luxuosos, verdadeiros palácios verticais. Embora muitos deles estejam afundando.

Fotos/ PH/ Divulgação/Leonardo Barros



Jurandy Leite, Georgino Melo e Silva, Roseana Sarney, o Repórter PH, Nazaré Leite e o ex-presidente José Sarney



Roseana Sarney com os pais, Dona Marly e o ex-presidente José Sarney

## RÉVEILLON BRANCO NO CALHAU

**V**estir branco já faz parte das comemorações de Ano-Novo. A tradição começou influenciada pelo candomblé, nas praias cariocas, nos anos 1970. Branco é a cor de Oxalá, líder dos orixás. Promete paz, inocência e pureza. Um bálsamo em forma de cor para atrair bons fluidos. Mesmo misturando com outras cores nos acessórios, o branco acaba

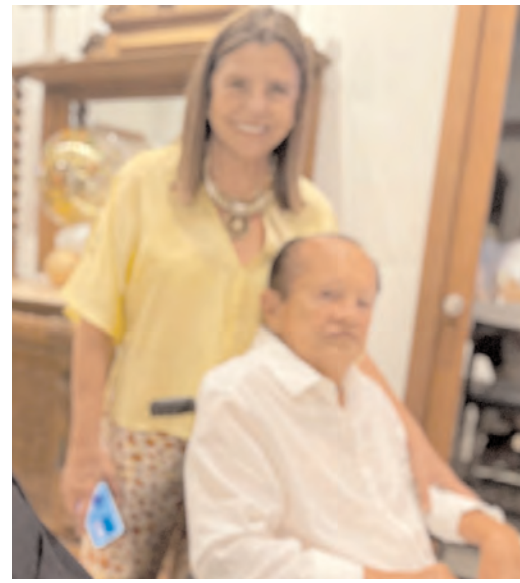
associado ao misticismo.

O branco predominou mais uma vez na bonita e alegre recepção da família Sarney, na acolhedora casa do Calhau, cujos anfitriões eram Dona Marly e o ex-presidente José Sarney com os filhos, deputada federal Roseana (e o marido Jorge Murad), Fernando (e a esposa Teresa Sarney) e o ex-ministro e ex-deputado federal Sarney Filho (e Ca-mila Serra).

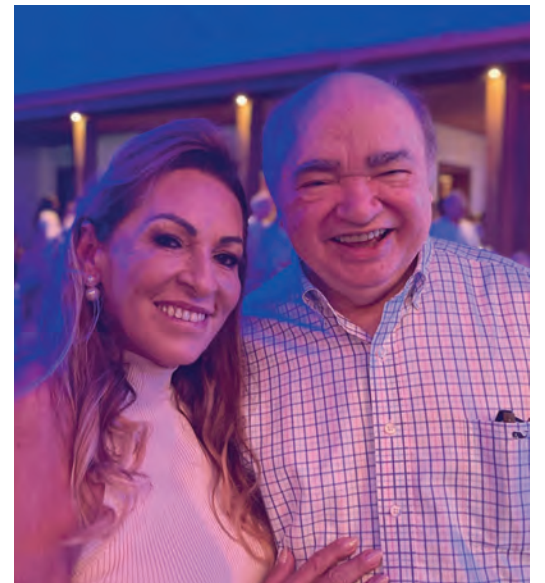
Noite de bons fluidos, preces feitas por José Sarney e o filho Fernando e todos os convidados, de mãos dadas, rezando o Pai-Nosso de Cada Dia.

Antes e depois da reza, a boa música ficou por conta de Pandha e sua banda e do grupo Bicho Terra.

Pena que o flash do celular teve problemas e algumas fotos ficaram desfocadas.



Roseana Sarney e seu tio Ronald Sarney



Desembargadora Nelma Sarney e o Repórter PH



O ex-deputado João Marcelo Souza com a esposa Wiltânia e o filho João Pedro



Raissa Moreira Lima e Anna Graziella Neiva Costa



Nilson e Flávia Ferraz com Teresa Martins



Dona Marly e José Sarney com Sarney Filho, Teresa e Fernando Sarney e Roseana Sarney na cerimônia religiosa de saudação ao Ano-Novo



Flávio Lima e Mariane



O ex-senador Remy Ribeiro e esposa



Ana Lúcia Albuquerque, Roberto Brandão, Teresa Martins e o Repórter PH



Amaro Santana Leite, Luiz Campos Paes e Alan Leite



A modelo Bruna com o ex-presidente José Sarney



O ex-presidente José Sarney com os meus netos, Leonardo e Benício Holanda Vilhena

Fotos/Divulgação



Roseana Sarney com os pais, Dona Marly e o ex-presidente José Sarney



O Repórter PH com Glorinha Holanda, Marcella Holana Vilhena, Clores Holanda e Paulicéia Falcão



Felix Alberto Lima e Adriana



Flávia Araújo Ferraz, Déia Trinta Paes e Ana Lúcia Albuquerque



Mauro Travincas, Augusto César Araújo e Luiz Campos Paes



Nazaré Lima, Glorinha Holanda, Clores Holanda, Francisco Lima, Marcella Holanda Vilhena e Mirza Lima



O Repórter PH e José Pereira Godão



O ex-ministro Sarney Filho entre as irmãs Glorinha e Clóres Holanda



Ticiana Duailibe com os pais Silvana e João Guilherme de Abreu e os amigos Des. Jamil Gedeon Neto e Milina, Ana Maria e Danilo Imbroisi



Glória Camara, Déia e Luiz Campos Paes, Itaqué Camara, o Repórter PH, André Jardins e Ellie



Luiza e Luiz Eduardo Sereno Fernandes com os pais Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina



Ana Maria Imbroisi entre Glória Camara e Deia Trinta Paes



Alexandre Falcão e Jussara Nogueira com Beth e José Jorge Leite Soares



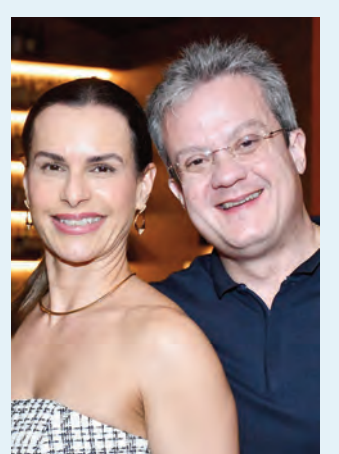
Ticiana Duailibe e baterista de sua banda, Amanda Costa



Alistelman Mendes Dias Filho e Mizzi



Silvana Duailibe Abreu e a filha com Carol e Ana Imbroisi



Patrícia e Ulisses Souza



Marco Antonio Fecury e Daniella



Carol Imbroisi e Guilherme Santana



Ruy Vilas Boas e Mariana

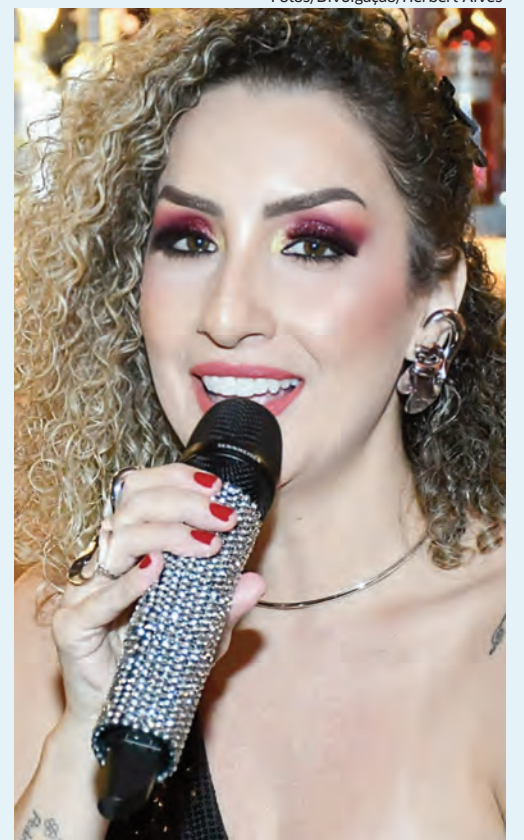


Des. Ricardo Duailibe e Virginia com o des. Jamil Gedeon e Milina e filha Mizzi



Ana Clara Sarney e Bruno Duailibe

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A bonita Ticiana Duailibe com o microfone na mão

### SHOW NO MAMMA

A cantora maranhense Ticiana Duailibe, há vários anos radicada em Brasília, fez um show especial no Mamma Restaurante, na última semana de 2024, com a presença de muitos amigos e admiradores. Uma bela noite, sem dúvida.

## Fofoca

Tome nota: 15 de janeiro é o Dia Mundial da Fofoca.

Para quem gosta do tema, uma boa dica é ler o livro Fofoca – Essa Simpática Palavra e Suas Consequências Imprevisíveis, de Cacau Hygino.

Longe de ser uma invenção contemporânea, a fofoca já era usada em tempos remotos. Na Roma Antiga servia para denegrir e eliminar adversários. O tempo passou, a comunicação ganhou alcance e velocidade, e na obra percebemos a rapidez com que um mexerico surge e se espalha instantaneamente, ganhando uma dimensão extraordinária.

Nas páginas desse livro nota-se como é tênue e frágil a linha que separa a verdade da mentira.

## Em família

Em questão de família, dá de tudo. Mas alguém pedir de volta um rim que doou ao companheiro, em função de divórcio, é realmente inusitada. Pois é o que um médico americano está pedindo na Justiça.

Em 2019, ele doou um rim para sua mulher que, quatro anos depois, entrou com uma ação de divórcio, por ter um novo amor.

O caso se arrasta na Justiça norte-americana e o médico, cansado da indefinição, e para se vingar da mulher, a quem acusa de impedir que ele veja os três filhos do casal, decidiu radicalizar.

Quer o rim de volta ou, então, uma indenização de US\$ 3 milhões de dólares.

## À la garçon

As últimas temporadas de moda apresentaram tantos babados e transparências que houve gente que cansou.

Por isso, uma turma de estilistas vem desengavetando peças pequenas, mas fortes o bastante para transformar o conceito inteiro da produção.

A estrela dessa lista é o suspensório. A peça que ajuda a segurar as calças vai além, dando um ar maroto ao modelito.

Um chapéu panamá, um colete, uma pantalon ou um bermudão, um sapato masculino e pronto. Pode chamar o estilo de Boying, como se as mulheres tentassem se disfarçar de meninos.

Mas sempre deixando escapar uma certa delicadeza.

## Para prevenir

Desmonte. A palavra é feia. Aplicada à gestão pública, fica mais assustadora ainda, assumindo um sinônimo gravíssimo – o de atentado violento contra a sociedade.

Mas é o que mais se tem lido e ouvido nos últimos dias. Prefeitos que encerraram seus mandatos em 31 de janeiro deixaram destroços para os sucessores.

Alguns, não se espante, reclamaram do problema quando assumiram oito ou quatro anos atrás e agora aplicaram o mesmo veneno em quem os substituiu.

Há como prevenir a ação deletéria? Claro que sim. A sociedade tem instâncias e recursos para acompanhar os gastos públicos e sabe, como neste momento, o quanto é importante fiscalizar. Só precisa acionar essas ferramentas.

Há uma ferramenta, sim! É o Observatório da Despesa Pública, da Controladoria Geral da União. É oficial, portanto.

Espera-se que seja transparente como o serviço público deve ser.

## Lideranças são disputadas

A pouco mais de 20 dias das eleições para os presidentes da Câmara e do Senado, parlamentares se envolvem em outras disputas nas duas Casas.

Em jogo estão escolhas para as lideranças dos partidos e dos comandos das comissões permanentes.

Tradicionalmente, os líderes partidários negociam acordos para as indicações aos cargos de comando. Nem por isso a batalha política e as articulações ficam de lado.

Parlamentares afirmam que as negociações se intensificaram porque 2025 será ano preparatório para as eleições 2026, nas quais, dificilmente o presidente Lula vai ser candidato.

A ausência de Lula no páreo funcionaria como elemento extra para uma espécie de cabo de guerra entre base e oposição.

## Eles disseram

A propósito da guerra no Oriente Médio, vale lembrar Winston Churchill (1874-1965), jornalista, escritor e estadista inglês: “Em tempo de guerra a verdade é tão preciosa que precisa ser guardada por uma escolta de mentiras”.

De autor desconhecido: “Feliz é aquele que é tão bonito quanto a mãe acha que é. Tem tanto dinheiro quanto o filho dele acha que tem. Tem tantas mulheres quanto a mulher dele acha que ele tem. E é tão bom de cama como ele acha que é”.

De Cícero, filósofo romano: “As pessoas são como os vinhos: a idade azeda os maus e apura os bons”.

De autor desconhecido: “Como a lâmpada, só podemos ser úteis quando nossa luz vem de dentro”.



Marco Antonio e Daniela Fecury

## NOITE BORBULHANTE

Mais uma vez os Fecury realizaram uma linda festa para saudar o Ano-Novo, mas para a chegada de 2025 sem a presença

de Ana Lúcia e Mauro Fecury, que sofreram uma ligeira indisposição antes da festa e não puderam brindar com os amigos.



Clóvis Fecury e Carla



Bruna e Marcello Villas Boas



A cantora Anna Torres



João Carlos Bello Ferreira e Mirtes Fecury



Crisálida e José Reinaldo Tavares



Eliézer Moreira e Lourdes



Marcelo Tavares e Luciana



Claudio Frederico de Paula e Roberta



Fábio Braga e Ana Elizabeth



Dirce Fecury Zenni com a filha Virna e os netos Davi e Julia



Fatima Teixeira, Paulo Fonseca, Juninho Luang e Vanessa e Edilson Ferreira



João (Blue) Costa e Virna Fecury Zenni



Fábio Braga e Miguel Fecury



Bento Moreira Lima, Eliézer Moreira e Luiz Raimundo Azevedo



Leonardo Fecury Braga e Sayure



Dirce Fecury Zenni com Fábio e Beth Fecury Braga, Marco Antonio e Daniela Fecury



**CLICK** da cantora Fabricia, que brilhou nas duas mais badaladas festas da virada realizadas em São Luís, sendo uma na Avenida Litorânea e outra no Centro Histórico. A artista entregou repertório dançante, com destaque para o forró das antigas, que ela adora



Fotos/Divulgação

**No Réveillon** do Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, a família Lima reunida na festa da virada que movimentou a área do Beach Club do empreendimento hoteleiro, um dos mais aprazíveis de São Luís e com a mais bela vista para a praia: Patrícia e Marcelo Lima com os filhos Bruno e Marcelo Lima Filho

- São Luís viveu uma das mais contagiantes festas da virada já realizadas na Ilha do Amor.
- Organizada pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Cultura (Secult), a programação de Réveillon realizada na 'Cidade da Virada', ao lado do Terminal de Integração da Praia Grande, reuniu numeroso público e foi marcada por shows de Ana Castela, Turma do Pagode, Klessinha, Fabricia e Michele Andrade.
- O primeiro minuto de 2025 foi recebido com contagem regressiva e um lindo show pirotécnico de oito minutos, iluminando o céu da Jamaica Brasileira. A festa começou com o show animado da cantora Michele Andrade, seguido das apresentações de Ana Castela, Turma do Pagode, Klessinha e Fabricia.



**O jornalista** Davi Araújo, âncora do JM2, da TV Mirante, na primeira edição do telejornal do ano de 2025, que foi ao ar na última quarta-feira. Entre outras notícias, ele destacou a posse dos prefeitos e vereadores eleitos no Maranhão

**Bloquinho no Beira Dumar**  
Começou o ano e agora só se fala em Carnaval. Aliás, o pré-Carnaval vai começar com tudo neste domingo (5), com o Bloquinho Beira Dumar, evento a ser realizado no mais comentado espaço musical de 2024 e que promete muita badalação também em 2025. O Bloquinho, na verdade, terá oito edições especiais, no intervalo de 5 de janeiro a 23 de fevereiro, reunindo várias atrações locais e nacionais. Os ingressos estão sendo vendidos na Bilheteria Digital.

**Na Idiagnóstica**  
Começa de ano costuma ser uma época de celebração para a maioria das pessoas, mas, também, de fazer check-ups médicos, planejando-se para ter mais saúde. O check-up, como se sabe, é um procedimento preventivo que auxilia na detecção de possíveis alterações no organismo ou doenças.  
Em São Luís, um dos endereços indicados para check-ups é a clínica Idiagnóstica, um dos mais conceituados centros de diagnóstico e tratamento médico do Maranhão, com unidades no Centro e Cidade Operária.

**Doenças cardiovasculares**  
Quando se fala em check-up, uma das preocupações são as doenças cardiovasculares, que causam a morte de 400 mil brasileiros todo ano, conforme a Sociedade Brasileira de Cardiologia. Logo, os exames cardiológicos são fundamentais nesse processo e consistem em um grupo de análises que ajudam o médico a avaliar o risco de se ter ou desenvolver problemas cardíacos e circulatórios, como insuficiência, arritmia, infarto e outros.  
São, também, muito importantes no acompanhamento de pacientes já diagnosticados com essas doenças. Muitas delas não apresentam qualquer tipo de sintoma e somente são descobertas por meio de exames periódicos. O diagnóstico precoce é fundamental para o sucesso do tratamento da maioria das doenças.

**Indivíduos que apresentem histórico familiar de doença cardiovascular ou aterosclerótica, como infarto do miocárdio ou acidente vascular encefálico (derrame), devem ter o cuidado redobrado e fazer um check-up cardiológico pelo menos uma vez ao ano.**

**Posse de Maura Jorge**  
Maura Jorge, reeleita com uma votação expressiva em outubro do ano passado, tomou posse para o quarto mandato como prefeita da sua terra natal, Lago da Pedra.  
A gestora é conhecida por seu compromisso com o trabalho e amor ao próximo, qualidades que têm marcado sua trajetória política e administrativa.  
Um legado que inclui diversas melhorias e projetos que visam beneficiar a população promovendo o desenvolvimento e bem-estar social.

**Novos deputados**  
A posse dos novos prefeitos no Maranhão provocará quatro mudanças na Assembleia Legislativa. O suplente João Batista Segundo (PL), por exemplo, assumirá a vaga de Juscelino Marreca, eleito prefeito de Santa Luzia.  
Além dele, outros três suplentes assumirão definitivamente os mandatos no Legislativo Estadual. Pelo PSB, Edson Araújo herdará a cadeira de Rafael Leitão, eleito prefeito de Timon.  
Já no MDB, a eleição de Roberto Costa como prefeito de Bacabal levará Keké Teixeira a uma cadeira. E o primeiro suplente do PP, Catulé Júnior, assume no lugar de Rildo Amaral, que se elegeu prefeito em Imperatriz.



**O jornalista** Douglas Pinto sendo diplomado pela Justiça Eleitoral como o vereador mais bem votado da história do Maranhão. Ele recebeu a confiança de 16.036 pessoas para o mandato, que se estenderá até 2028 na Câmara Municipal de São Luís. Profissional dedicado e um ser humano do bem, Douglas passou pela TV Mirante e fez muitos amigos com sua simplicidade, tranquilidade e simpatia



Fotos/Reprodução

O Anjo do Lar (O Triunfo do Surrealismo) (1937), de Max Ernst, é a pintura que figura nos cartazes da exposição

## MUDAR A VIDA, TRANSFORMAR O MUNDO: TODAS AS FACETAS DO SURREALISMO ESTÃO EM PARIS

Uma nova visão, expandida no espaço e no tempo, do movimento fundado por André Breton é a proposta da grande exposição antológica que reúne 120 nomes no Centro Georges Pompidou, em Paris

Em 1924, André Breton publicava o Manifesto do Surrealismo. Era o começo de uma aventura literária, artística e mesmo política cujos efeitos ainda não deixaram de se sentir. Breton era francês e Paris foi o centro desse movimento que se quis revolução. Cem anos depois, o Centre Georges Pompidou consagra-lhe uma grande e surpreendente exposição, Surrealismo, que ainda pode ser visitada ali até 13 de janeiro.

A seguir, a retrospectiva será "reinterpretada", como dizem os organizadores, em diversas instituições internacionais. Em Madrid, assentará na Fundación Mapfre de 4 de fevereiro a 11 de maio (coincidindo por isso com a feira ARCOmadrid); em Bruxelas, ocupará os Musées Royaux des Beaux-Arts de 21 de fevereiro a 21 de julho; viajará ainda para a Hamburger Kunsthalle, na Alemanha, de 12 de junho a 12 de outubro, e finalmente para o Philadelphia Museum of Art, nos Estados Unidos, de novembro de 2025 a fevereiro de 2026. Ainda não há ecos do que serão estas futuras exposições.

Para já, concentremo-nos no que está em Paris. Mais de 120 autores, numa lista que vai de Eileen Agar a Urika Zürn, quase todos representados com mais de uma obra. Alguns artistas, porém, estão presentes com mais de uma dezena de criações, como Max Ernst ou Brassai, este último um importante fotógrafo da capital francesa entre as duas guerras, que, à partida, não teríamos associado a este movimento. Esta é, porém, uma das grandes qualidades da exposição: oferecer-nos uma visão expandida do surrealismo, que não se limita aos artistas que oficialmente integraram este ou aquele grupo – houve vários, em geral afiliados ao

fundado por Breton, mas outros pautaram-se pela dissidência em relação às diretivas do mentor –, e que vai buscar parentescos, afinidades, semelhanças processuais, inspiradores ou seguidores.

A data adotada para o fim do surrealismo como movimento, 1966 (o ano da morte de André Breton), não é de fato o limite temporal das obras ali expostas. Há igualmente peças datadas do século XIX, como as pinturas de Odilon Redon e de Caspar David Friedrich: nada de estranhar, já que os surrealistas gostavam de descobrir o surreal em todos os tempos. Por outro lado, não se trata de uma exposição monográfica, como é habitual nas revisitações historicistas de dado movimento, estilo ou grupo, mas de dar corpo, isso sim, a uma constelação de criadores (pintores, escultores, desenhistas, cineastas, fotógrafos, autodidatas, amadores, escritores e poetas) que fizeram suas as duas máximas enunciadas pelo próprio Breton: mudar a vida; transformar o mundo.

A exposição, que ocupa todo o espaço das mostras temporárias no Centro Pompidou, organiza-se dentro de um projeto arquitetônico que construiu um labirinto de 13 salas convergindo para um núcleo central. Neste coração, mostra-se o próprio manuscrito do Manifesto do Surrealismo, emprestado pela Biblioteca Nacional da França, conjuntamente com uma série de documentos gráficos que atestam a importância do coletivo de criadores para o nascimento do movimento. Como sempre acontece, este foi em primeiro lugar um projeto de amigos ou conhecidos que reconhecem uns nos outros uma comunidade de interesses e objetivos.

meio homem, meio animal – da destruição. É o cadinho onde uma troca incessante tem lugar, entre seres e coisas, entre o humano, o a-humano e o não-humano. Dentro das suas paredes, um homem pode tornar-se touro; uma mulher, aparentemente ao labirinto ao jogo que todos os surrealistas se divertiram a praticar: o cadáver-esquisito.

O jogo do cadáver-esquisito – em que a cada participante é vedado saber o que os outros escrevem, desenham ou pintam antes de si, num suporte comum a todos – tem afinidade com o processo de materialização da imagem mediúnica, que justamente constitui o tema da primeira sala da exposição.

Giorgio De Chirico, Victor Brauner e Roberto Matta são alguns dos artistas que aqui encontramos, com obras que acabaram por se tornar emblemáticas da narrativa que considera o artista como um ser dotado de capacidades visionárias fora do comum. É neste núcleo que está, por exemplo, o Retrato (premonitório) de Guillaume Apollinaire, de 1914, assinado por De Chirico, onde este pintou um alvo no exato local do ferimento que o poeta sofreria na Primeira Guerra Mundial, dois anos depois.

É também aqui que se introduzem obras

feitas com as técnicas inventadas pelos surrealistas para provocar o significado sobre o informe. Frottages, decalcomanias, pinturas de areia e os primeiros raioogramas de Man Ray combinam-se com as assinaturas de Max Ernst, André Masson e outros, como o japonês Shuzo Takiguchi. A seção seguinte, Trajetória do Sonho, é das que mais público atraem, já que junta peças de Miró, Dalí e Dora Maar, uma das fotografias presentes na exposição. As suas colagens seguem o processo de construção do sonho, tal como os cenários de Salvador Dalí para A Casa Encantada, de Hitchcock, em 1945, que lhe valeram o acrônimo de "Avida Dollars", inventado por Breton numa das muitas zangas que este foi alimentando toda a vida com outros surrealistas. Um excerto deste filme é mostrado em loop na exposição, revelando nitidamente as afinidades com o estilo bem conhecido do pintor espanhol.

Lautréamont, Quimeras e Alice, as três seções seguintes, mostram-nos outra faceta do movimento: o interesse pela narrativa literária, introduzida aqui pela definição que Lautréamont deu, logo em 1914, de beleza: "Belo como o encontro fortuito de uma máquina de costura e de um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação". A conjugação destas três imagens, ou de outras igualmente inesperadas, foi depois tratada

realisticamente por vários artistas, entre os quais Man Ray, Dalí, Alberto Giacometti e René Magritte, e sobretudo pelo célebre livro de colagens de Max Ernst, La femme 100 têtes (1929), exposto integralmente. Trata-se de uma obra fundamental para se compreender o alcance do processo de colagem, já herdado do cubismo e depois do dadaísmo, na abertura de sentido pretendida pelos surrealistas.

### Dos surrealistas às surrealistas

A partir daqui, e apesar de este ter sido um movimento que não levou os seus propósitos revolucionários até o limite – e que, como era habitual na época, refletia com exatidão a sociedade falocrática do tempo, relegando as artistas para lugares secundários –, começamos a notar na exposição uma presença importante de mulheres criadoras. Dorothea Tanning, Remedios Varo, Valentine Hugo, a já citada Dora Maar, Leonor Fini, Leonora Carrington são algumas destas presenças, dispersas por diferentes núcleos, que enriquecem a abordagem à prática artística deste tempo.

Algumas, como Leonor Fini, nunca quiseram integrar o movimento oficial, embora não se escusassem a expor com ele. Por certo que as recentes revisitações da obra destas artistas em grandes exposições internacionais (entre as quais as duas últimas bienais de Veneza) contribuíram para esta presença feminina reforçada. Na última destas salas, Alice, podemos ver uma magnífica pintura de Picasso, Acrobata Azul (1929), que é sem dúvida, juntamente com as pinturas de Miró e de Max Ernst, uma das estrelas da exposição.

A seção seguinte, Monstros Políticos, dedica-se à intervenção política a partir da obra artística, com obras de Dalí, Jacques Hérold, Ubac, e, sobretudo, O Anjo do Lar (O Triunfo do Surrealismo), de Max Ernst (1937), escolhido para imagem da exposição. Trata-se de um monstro assustador, anjo apocalíptico de duas cabeças que espeznha a terra numa época já de guerra civil na vizinha Espanha. A ação política, inclusive através da arte, fazia parte da prática surrealista, e era um dos modos de transformação do mundo em que acreditavam os artistas do movimento.

O Reino das Mães, Melusina e Florestas, bem como em Hino à Noite, são salas que decorrem da visão da mulher como misteriosa fonte de vida num mundo primordial, ainda não submetido à razão; Pedra Filosofal, por outro lado, ocupa-se do interesse que o movimento manifestou pontualmente pela alquimia. Os curadores introduzem aqui uma série de artistas que só muito lateralmente tocaram o surrealismo, como Paul Klee, Barnett Newman (que virá a ser um dos nomes maiores das abstrações do pós-guerra), a brasileira Maria Martins, a dinamarquesa Rita Kern-Larsen e Ashile Gorki. É também nestas salas que se pode ver a belíssima série de florestas pintadas por Max Ernst a partir de vários processos que visam obter a projeção mental de imagens sobre manchas de tinta ou de texturas esfregadas sobre uma folha de papel.

A exposição termina com duas salas inesperadas. A primeira dedicada a As Lágrimas de Eros (título de uma obra de Bataille), onde o erotismo, sob a égide do marquês de Sade, é provocantemente enunciado como programa; e a segunda, intitulada Cosmos, que pretende mostrar como o surrealismo procurou uma nova relação do homem com a natureza. Este é um discurso contemporâneo, que será talvez pouco consonante com a época de que falamos. Mas, de qualquer modo, cabem aqui as grandes constelações pintadas por Miró, como as apropriações etnográficas feitas por artistas da América do Sul e da América Central, de que destacamos o cubano Wilfredo Lam. Já na sala anterior, por outro lado, as esculturas das Bonecas de Hans Bellmer (a partir dos anos 30), onde alguns viram a antecipação das manifestações do biopoder durante a Segunda Guerra Mundial, não perderam nada, com o passar dos anos, do seu poder de nos inquietar e perturbar.

### O artista: um visionário

André Breton vinha do dadaísmo, mas em 1924 (ou mesmo antes, segundo alguns dos textos publicados no excelente catálogo que acompanha a exposição) este movimento, que visava criar uma antiarte, já não o satisfazia – em maio daquele ano queixava-se de estar obcecado com o pensamento de que "o homem é solúvel nos seus pensamentos". Mais tarde, em outubro, publicará Poisson Soluble, uma coletânea de textos vários, muitos dos quais redigidos em escrita automática, para a qual o Manifesto do Surrealismo estava previsto como prefácio. O automatismo – ou seja, o discurso não racionalizado, como aquele que é procurado no método terapêutico psicanalítico – é o grande motor da prática surrealista, dando origem à multiplicidade de estilos, técnicas e obras plásticas e poéticas que cabem nesta

denominação.

O labirinto que encontramos na exposição é, no fundo, uma apropriação da montagem de duas grandes mostras surrealistas, realizadas em 1938 e em 1947, que adotavam este formato para convidar os visitantes a perderem-se entre as obras expostas. Dider Ottinger, co-curador da exposição do Pompidou com Marie Sarré, associa o labirinto inventado por Dédalos para esconder o Minotauro (nome da importante revista fundada por Georges Bataille e que existiu entre 1933 e 1939), um tema tratado nas antigas lendas mediterrânicas, à ordem pré-racional que é vencida pela lógica e pela política na Grécia Antiga. A estas, os surrealistas preferem a procura do monstro que dorme dentro de cada um. "O labirinto encerra a sabedoria. Protege um segredo e guarda um ser duplo



A exposição termina com duas salas dedicadas ao tema As Lágrimas de Eros (título de uma obra de Georges Bataille), onde o erotismo é provocantemente enunciado como programa